

TEXTO

Mística no movimento sindical.

Sérgio José Fritzen (1)

1. Luta e determinação na origem do nosso movimento sindical

O Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais, é fruto direto da articulação de lutas pela posse da terra, pela conquista do direito ao trabalho e à dignidade humana protagonizadas por sujeitos que buscavam a inclusão e a transformação sociais. Essas lutas pretenderam mais do que a transformação social e a conquista de direitos fundamentais à vida. Quiseram o pleno direito a ser gente, de ser cidadãos “livres e iguais em dignidade e direitos...dotados de razão e consciência e agindo em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” (Declaração Universal dos direitos Humanos, Art.1).

Estas lutas culminaram em organizações que forjaram lideranças, projetaram utopias e sonhos, dinamizaram movimentos sociais e formaram cidadãos que perceberam, a partir de então, que o ser humano pode parar de morrer num país eivado de injustiças estruturais, administrado secularmente por tradicionais oligarquias que antes e acima de tudo visavam sempre o próprio bem. As lutas ensinaram que a organização do trabalhador somente tem sentido quando se constituir em prática radical de humanização e de formação humana no seu sentido mais inteiro e profundo.

Já desde sua origem, o Movimento Sindical alicerçou sua existência a partir do pressuposto intransferível de que veio para “por em movimento” ou dar maior dinamicidade e consistência às lutas, aos esforços e às buscas dos movimentos sociais do campo daquele tempo. Sua capacidade organizativa transformou – o num grande agente catalisador que fez emergir muitas mobilizações, muitas conquistas, muitas organizações comunitárias, associativas e solidárias.

Segundo José de Souza Martins, o surgimento dos movimentos sociais, urbanos e rurais, fora de enquadramentos partidários, foi de certo modo uma grande novidade na sociedade brasileira, uma nova forma de expressão social que se combinou com o florescer de novos sujeitos sociais e políticos.

A nossa caminhada histórica nos permitiu compreender que a capacidade organizativa e a ação política de um movimento social são tanto maiores quanto mais comprometido ele for com os “clamores e as necessidades do povo” de sua época. Quando os clamores, os sofrimentos e as enormes necessidades dos trabalhadores e trabalhadoras motivam as ações de uma entidade, isso lhe permite manter acesa sua capacidade da indignação, que, por sua vez se transforma em compromisso; esse compromisso motiva ações de transformação, de dignidade e de inclusão.

Podemos afirmar que no processo e no dinamismo da história apreendemos um conjunto de lições que, no seu conjunto, nos forjaram num movimento de luta social da mesma forma como o intenso fogo da fornalha transforma o minério em aço ou ferro. Também aprendemos que uma luta social é mais educativa, ou tem um peso formador maior, à medida que seus sujeitos conseguem entranhá-la ou aproxima-la o mais possível ao movimento da história da nação,

especialmente daquela nação invisível e distante do Estado e do poder. Paralelamente, também, fomos percebendo que processos de transformação sócio-políticos e econômicos, normalmente, são muito lentos. E, por serem lentos, muitas vezes desestimulam iniciativas, desanimam os militantes e requerem adequações, correções de rumo., mas ganham profundidade porque se reproduzem no plano da cultura, entendida aqui no sentido de *modo de vida*. Mas quando a causa de um movimento está entranhada na cultura de um povo, ela permanece, sobrevive...

Como manter acesa a chama das grandes utopias de um movimento? Como varrer para longe o desânimo que tantas vezes corrói o dinamismo entre os militantes e como reavivar valores, convicções e o encanto pela luta?

2. Mística: a inspiração da militância

A palavra “mística” tem múltiplas conotações: espiritualidade, reza, momento para “beber no próprio poço” segundo Gutiérrez, uma profunda experiência de Deus ou oportunidade para focar a prática pessoal ou coletiva a partir de utopias.

Toda a experiência mística, segundo os estudiosos da espiritualidade constitui-se de :

- Uma experiência intensa a partir da percepção de uma inspiração, de uma vivência, ou de fortes testemunhos;
- Convencimento pessoal, (mudança de intenções e de atitudes) que desperta e provoca a necessidade ou o desejo de agir, e passar adiante essa experiência;
- Disposição firme de oportunizar a outros a mesma experiência.

Durante vários anos da minha vida convivi e trabalhei com posseiros e lavradores sem terra e indígenas na região do Araguaia – MT. Percebi que eles, em momentos importantes e tensos das suas comunidades ou nos instantes que antecediam uma ocupação de terra, realizavam rituais de mística , ou como eles próprios diziam, “faziam uma bênça” com rezas, utilizando símbolos, gestos e palavras que antecipariam o êxito desejado pelo evento vindouro.

Os integrantes das comunidades indígenas, quando preparavam eventos importantes, celebrações ou comemorações, pintavam seus corpos, faziam danças e invocavam seus espíritos , davam oferendas e tocavam seus instrumentos para se apropriarem de energias positivas, de inspirações e de coragem que viessem a favorecer os empreendimentos.

Quando os movimentos sociais ou grupos comunitários se valem das celebrações de mística ou “de bênça” se propõem estimular uma vivência comunitária que tem a intenção de estabelecer empatias, de fortalecer laços e aprofundar a responsabilidade solidária e coletiva. Criam oportunidade para consolidar a coesão interna que faz das pessoas da caminhada se transformarem em companheiros e companheiras. E para dar densidade, cumplicidade e envolvimento de todos, são resgatados sonhos, reavivados testemunhos, rememoradas conquistas do passado e, especialmente, antecipadas “visões” que motivem os participantes ao desejo de engajamento para darem concretude histórica aos sonhos e utopias que os mobilizam.

Por isso os momentos de mística não podem ser “momentos de alienação” ou práticas que afastem da luta, mas instantes, motivações e sinalizações que contribuam com o compromisso de transformação de tudo o que faz sentir indignação.

Nesse sentido, a mística precisa estar motivada e enraizada numa crença, na fé. Fé, conforme apregoa o MSTTR, numa sociedade igualitária, na fraternidade humana, na justiça social. Em resumo, fé na utopia.

Entendida desta forma, toda celebração de mística não pode prescindir de algumas dimensões, sem as quais não alcança fins a que se propõe.

3. Duas forças motoras:

Todo o ato de celebração mística busca evocar uma missão e estimular a militância nos participantes .

3.1. A missão

Cada entidade ou movimento tem a sua missão, seus objetivos e suas prioridades, bem definidos. Esta missão – via de regra – resume toda a *memória* de um passado ... e o seu *projeto* de futuro, ou seja, a missão é carregada de uma saudade e de uma esperança. Saudade de momentos fortes, de vivências densas , de lutas empreendidas, de conquistas realizadas E esperança que deseja a transformação que vai desde as macro-estruturas à transformação do coração de cada um.

Quando falo missão afirmo que memória e projeto são elementos constitutivos para a caminhada. A memória nos lembra constantemente que devemos romper com a repetição do passado. Às vezes, repetições obsessivas, infrutíferas e vazias. O projeto nos remete para a visão de uma outra sociedade que se inspira na concepção real e utópica das sociedades igualitárias de tantos movimentos sociais, camponeses e indígenas que nos precederam. Naquelas sociedades prevalecia a realização da pessoa sobre a produção de bens, a convivialidade sobre o negócio, a participação sobre a competição, a partilha sobre a acumulação, a liberdade sobre a coerção. Essas são as sociedades da saudade. Na sociedade da esperança, na outra sociedade que buscamos desejamos que todos sejam livres e iguais onde produzir para acumular individualmente não faz sentido.

Missão é organização e articulação contra a violência da fome, contra a fatalidade da exclusão e contra a banalidade do sonho consumista. Mas, ao propor a organização da esperança não desejamos propor caminhos “sem saída“ que já foram propostos por vários sistemas, por forças partidárias... que pregaram a “qualidade total”, ou a igualdade homogeneizada, mas as regras da fraternidade.

A missão significa “estar em movimento” com urgência. Estar em movimento sim, mas unidos, solidários, em redes. É como diz nosso querido D. Casaldáliga “a urgência dos nossos passos deve estar unidos à universalidade da nossa caminhada”. Por causa desta universalidade precisamos estar vinculados ao local e ao global. Mas para podermos fazer esta ponte precisamos estar em movimento, nos sentir movimento. Nossa essência é sermos *movimento*, sermos eternos mutantes. Caminhar é a forma mais radical de construção das utopias.

3.2. A Militância

Militância e mística são duas dimensões que se fundem. Embora a palavra mística seja de origem religiosa ela tem, segundo o pensador latino-americano Mariátegui, um significado mais amplo: sinaliza a dimensão espiritual e ética do socialismo, a fé no combate revolucionário, o

compromisso total pela causa emancipatória e a disposição heróica para arriscar a própria vida. Afirma que os racionalismos e a ciência " não podem satisfazer toda a necessidade de infinito que existe no homem". A pessoa humana necessita da mística para assumir verdadeiramente a militância. E quando isso ocorre, toda luta social se configura num re-encantamento da realidade, da sociedade e do mundo.

E qual é a realidade que precisa ser "re-encantada"? É a realidade do latifúndio, da concentração de riquezas, da falta de saúde e saneamento básico, dos altos índices de mortalidade infantil e do analfabetismo, da violência sexual, do trabalho escravo... É a realidade da corrupção, das poucas oportunidades de trabalho, da baixa remuneração para quem produz e trabalha... É a realidade da depredação dos recursos naturais, da indiscriminada poluição, dos modelos de produção que elimina toda a forma de vida.

A contemplação nos coloca em contato com uma realidade. Pode ser uma realidade transcendente ou concreta. A realidade que precisamos contemplar enquanto integrantes de um movimento é a da terra que nos coloca no centro de uma cadeia de grandes conflitos: a redistribuição dos bens acumulados e o reconhecimento dos outros e das outras em sua alteridade. Aqui está toda a diferença: a contemplação nos torna militantes ou alienados. Nos torna militantes quando faz emergir em nós a indignação contra o quadro de acumulação e exclusão; um inconformismo com as situações de morte. Mas a mística não permite que o inconformismo e a indignação caiam no vazio. Forja horizontes com novos sentidos. Faz perceber que a vida tem sentido, apesar das contingências, das mortes e do desespero de muitos. Mais do que isso possibilita que os sofrimentos sentidos, que as lutas travadas e as mortes dos que tombaram podem ser motivadoras e inspiradoras...

Por isso a mística evita que a indignação, a crítica e a memória se transformem em mera rebelião. Ao mesmo tempo preserva a missão de desvios e não permite que o movimento se afaste dos propósitos e ideais fundamentais.

A militância é a forma consciente e engajada que evita o conformismo e a submissão. Através dela nos engajamos constantemente na luta pela vida digna a todos os seres humanos porque acreditamos que em tempos de desumanidade crescente, é possível buscar humanização; através dela reafirmamos de novo a igualdade e a solidariedade.

A militância consciente, motivadora fará emergir novos sujeitos sociais, que produzirão dinâmicas de lutas sociais coerentes e consistentes que não aceitarão a exclusão como um dado inevitável. Buscarão reconquistar o direito ao trabalho e à dignidade e nos dirão que a transformação social vem da educação, da organização e de projetos de inclusão social.

Farão perceber que os movimentos sociais, em especial o MSTTR, poderão ser espaços de organização destas lutas e de formação destes sujeitos ativos, conscientes e cidadãos.

4. Os cuidados na militância

4.1. Muitas pedras

Estimulados e animados pela vivência comunitária, pelos processos formativos e pelo ardor das celebrações de mística, muitas lideranças e militantes retornam aos seus afazeres diários

movidos pelo mais sincero desejo de contribuir com a construção da “outra sociedade” fundamentada nos princípios da missão institucional.

Mas logo se defrontam com muitas dificuldades. São pedras no meio do caminho: podemos chamá-las de crise, questionamento, erros, acomodação, decepções, desilusão.

4.1.1. A desilusão com a entidade, com os dirigentes e com a luta.

Freqüentemente lideranças e dirigentes que lutam em movimentos sociais sofrem decepção profunda ao perceberem que seu sindicato ou seu movimento, que se dizia ser uma entidade para todos, abrandou ou abandonou a militância e se desviou do projeto, dos sonhos. Às vezes a frustração é maior quando o dirigente decepciona, cria obstáculos ou até impede contribuir nas atividades de coordenação e organização do movimento.

Lembremos que a militância, mesmo na distância nos une. Estamos juntos... precisamos continuar, porque “a urgência dos nossos passos deve estar unida à universalidade da nossa caminhada”.

4.1.2. O desencantamento

Muitas vezes a “luta” e o “projeto” têm um grande peso na vida das lideranças, dos assessores e dos dirigentes e causa um desgaste unilateral entre os diversos pólos que constituem uma vida em sua inteireza. Podemos comparar a vida dessas lideranças a um pneu de carro mal calibrado ou não alinhado. Enquanto o carro anda, adia-se a revisão na oficina. E quando menos esperamos, o imprevisto acontece. Com o carro. Os pólos que constituem a vida inteira de um militante são: razão e emoção, epiritual e material, trabalho e lazer, luta e contemplação, privado e público, individual e coletivo. Esses pólos, como nos ensina a eletricidade, criam tensão, mas geram também luz. A luz é a tensão entre os pólos. A constante tensão oriunda do ativismo acríptico e do descontrole da agenda gera desgaste. O desgaste gera o cansaço e o cansaço faz cair o ânimo, aumenta a hipersensibilidade que, não poucas vezes, leva ao desencantamento. E quando o desencantamento se instala nas relações pessoais, familiares e no campo profissional, a luta tem seu preço. Por isso, lembremo-nos: antes de cuidar dos outros, às vezes, é preciso saber também de si mesmo. Isso nos permite “fazer a geometria e o balanceamento” e evita perder o encantamento pela vida, pelo sonho e pela luta.

4.2. O horizonte

Dedicamos grande parte da nossa vida à causa do movimento sindical ou de outros movimentos sociais e populares. Mas lembremos que nossa grande causa, o grande projeto não é o “movimento” em si mesmo. O movimento não é fim. É um meio. A partir da nossa ação através do „movimento“ buscamos realizar o projeto maior. Este projeto tem um horizonte histórico e um horizonte para além do aqui e agora. O que significa isso? Significa que a *Sociedade Utópica* dos nossos sonhos se realiza na vida cotidiana através da nossa forma de agir, das nossas pequenas vitórias nas lutas diárias e da esperança que dá sentido a nossa vida. Mas não é só isto. O nosso projeto, nossa luta e nossos sonhos vão muito além. Vão além do horizonte! Não podemos perder de vista esta dimensão maior.

Para não perdê-la, precisamos nos oferecer constantemente momentos de análise e de crítica. A partir desses momentos “ajustamos” comportamentos, redefinimos focos e adequamos nossas práticas.

A “mística militante”, focada numa missão clara precisará ajudar os movimentos e os seus militantes. Ajudar em quê?

A viver a cada dia e em cada lugar sonhos que vão além das fronteiras da minha instituição, do meu partido, da minha cultura e e muito além do horizonte histórico; a viver os conflitos do dia-a-dia como oportunidades de transformação; e dar à vida um sentido de esperança, de alegria, de solidariedade e de gratuidade.

Bibliografia:

CASALDÁLIGA, P. Cartas Marcadas, São Paulo, Ed. Paulus, 2006

LEAL, V.N. Coronelismo, enxada e voto, 2ª ed. São Paulo, Alfa-ômega, 1975.

MARIÁTEGUI, C. Gandhi, 1924, La escena contemporanea, Lima, Amauta, 1964

_____ Dos concepciones de la vida, 1925, El alma matinal, Lima, Amauta, 1971. p

MARTINS, J.S. As mudanças nas relações entre a sociedade e o Estado e a tendência à anomia nos movimentos sociais e nas organizações populares.

NAVARRO, Z. Políticas públicas, agricultura familiar e os processos de democratização em áreas rurais brasileiras (com ênfase para o caso do Sul do Brasil). ANPOCS, Caxambu /M), 22 a 26 de outubro de 1996.

SUESS, P. Apontamentos de um retiro no Cimi (mimeo) 2002.

(1) Secretário Executivo do Instituto de Formação Sindical Irmão Miguel – IFSIM, Porto Alegre/RS